

ALENTEJO

Estradas bucólicas levam a castelos, vinícolas, ruínas romanas e cidadezinhas cheias de charme para lá do Rio Tejo, como Évora, Monsaraz, Estremoz, Vila Viçosa e Marvão

A região do Alentejo, salpicada por lugarejos bucólicos e até poéticos, cobre cerca de um terço do território da nação. Como se estende desde o Rio Tejo até as serras do sul do país, ganhou esse nome que vem justamente de "além do Tejo". É uma região surpreendente que tem castelos soberbos, ruínas romanas, campos de trigo e vinhedos. Uma boa sugestão de roteiro para cobrir o melhor em uma viagem é Évora, Monsaraz, Estremoz, Vila Viçosa e Marvão. O mais confortável é alugar um carro em Lisboa para rodar os muitos quilômetros de estradas bem sinalizadas e com boas condições.



ÉVORA

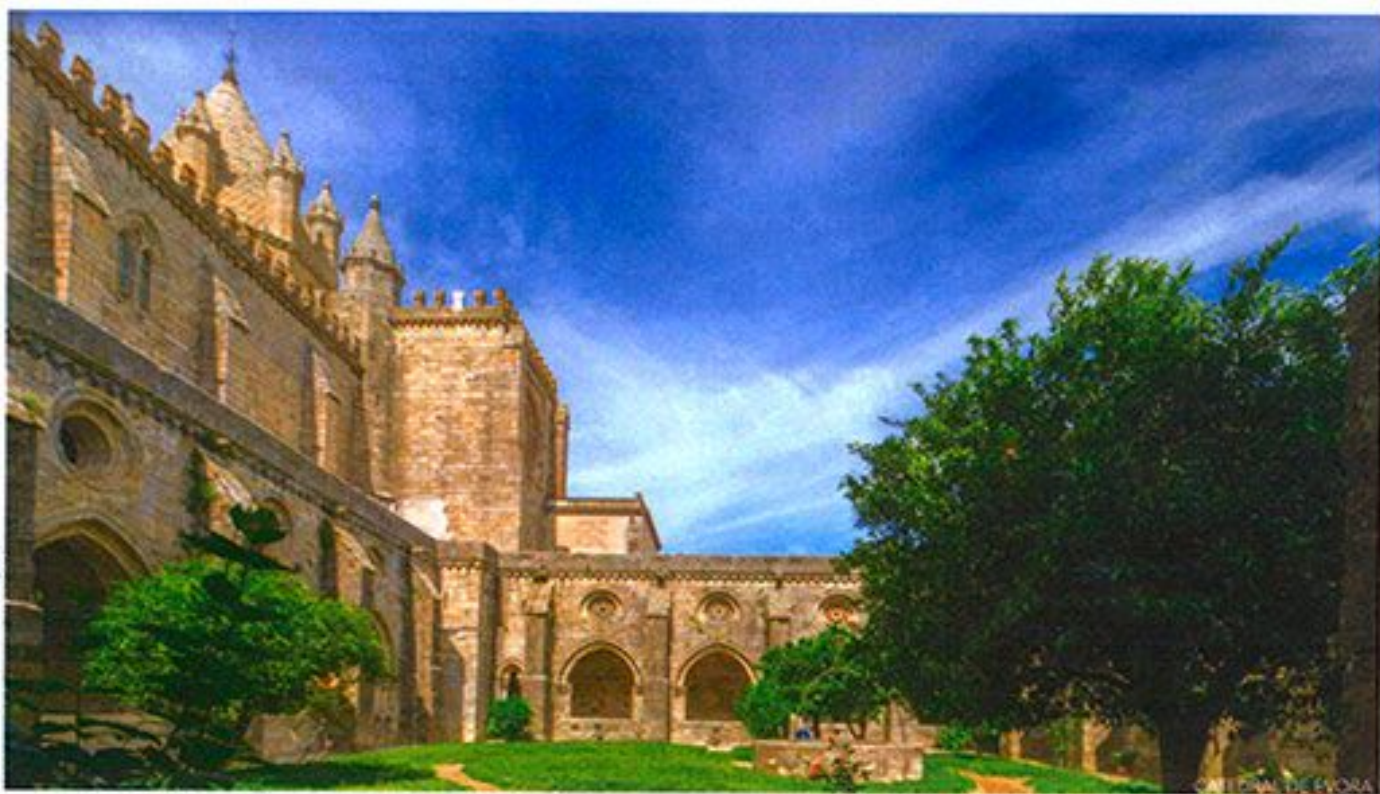
Muita gente diz que conhece o Alentejo apenas por ter visitado esta cidade. Não é bem assim, mas vale pensar em Évora como um cartão de visitas para o restante da região. Ela está entre os lugares mais bem preservados do período áureo de Portugal, depois que Lisboa foi destruída pelo terremoto do século 18. Fundada em 1167, ganhou importância nos séculos 15 e 16 com as constantes temporadas que a família real passava na cidade. Isso fez com que a igreja também fosse para lá – e criasse a Universidade de Évora, a segunda do país.

A parte mais interessante está concentrada na região central da cidade e nas construções seculares dentro das grandes muralhas do século 14. É nessa área que está a Praça do Giraldo, onde a vida social acontecia diante da Igreja de Santo Antão, de 1557, e a fonte de estilo barroco. Há inclusive um conto popular sobre esse chafariz: dizem que Filipe III de Espanha, em 1619, achou que a beleza do monumento, refletida em suas águas, era digna de ser coroada – e, por isso, há uma pequena coroa no topo da fonte.

As oito saídas de água simbolizam as vias que ligam o resto da cidade à praça, como a Rua do Raimundo. Um dos bons programas por ali é bater perna na Avenida Cinco de Outubro: o visitante encontra uma série de

OS VINHOS DE ÉVORA

A dez minutos do centro, fica a adega Cartuxa, vinícola que produz o cobiçado rótulo Pêra-Manca – o tinto encorpado da colheita de 2011 chega a custar mais de R\$ 2 mil no Brasil ou € 200 em Évora (com venda limitada a uma unidade por visitante). Esse vinho é praticamente um tesouro nacional, com origens mais antigas que a própria fundação da Cartuxa, oficialmente criada em 1963. Sua história vem do século 15, na época das grandes navegações. Mas a produção da Cartuxa não se resume ao Pêra-Manca. Inclui ainda mais de 20 rótulos e azeites. Tudo isso o turista fica sabendo durante o tour guiado pela adega, passando pelos barris de madeira, depósito de garrafas e até os antigos tanques de armazenagem. O enotur acaba em degustação de vinhos e azeites, com embutidos, queijos e compotas da região.





detalhes, como resquícios da primeira muralha da cidade – ao contrário da que se vê de pé ainda hoje, essa é herança do período de ocupação romana e está praticamente destruída.

Mais uns minutinhos levam até a Catedral de Évora, ou simplesmente Sé de Évora, um ícone do estilo românico-gótico de Portugal. Tem detalhes em mármore de Estremoz (outra cidade importante do Alentejo) e em ouro, além da imagem da Virgem Maria grávida, uma das únicas do gênero no mundo, um museu de arte sacra e o terraço, ao lado das torres, com bela vista para a cidade.

Dali, é seguir para outro grande cartão-postal de Évora: a Capela dos Ossos. Idealizada por três frades franciscanos no século 17, tem paredes e pilares revestidos de esqueletos humanos. É uma ideia que pode parecer estranha, principalmente pelos dizeres logo na entrada: "Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos". No entanto, o objetivo é promover a reflexão de que todos somos iguais e sobre a transitoriedade da vida humana.

MONSARAZ

Protegida por muralhas medievais construídas nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis, eis a charmosa Monsaraz, vila com construções históricas, lojinhas e restaurantes. Diante da paz local, fica difícil pensar que o lugar já foi palco para muitas disputas de povos como visigodos, árabes, moçárabes e judeus. Ela permaneceu sob o domínio muçulmano entre os séculos 8º e 12 – e a partir de então teve início o processo de reconquista cristã, que foi finalizado em 1232 com os cavaleiros templários. Dali





em diante, nasceram os diversos monumentos sacros que dão um belo toque à visita.

Vale a pena se perder sem pressa pelas ruazinhas de pedra e descobrir construções como a Matriz de Nossa Senhora da Lagoa, de estilo gótico e da segunda metade do século 13, o complexo do Hospital do Espírito Santo e a Igreja da Misericórdia, da mesma época, e o Museu do Fresco, aberto em um belo edifício do século 14, com exposições temáticas.

Ao redor da Praça das Armas, não deixe de procurar pela escada de metal para ter acesso às torres: de lá, é possível observar as fachadas branquinhas da vila, contornadas pelas águas da barragem de Alqueva. O melhor? Não é preciso pagar para curtir esse passeio: a área funciona como um museu aberto.

Quando a noite chega, é hora de conhecer o Alqueva Dark Sky Reserve, endereço dedicado a observação dos céus. Um astrônomo recebe os visitantes e, entusiasmado, fala sobre estrelas, planetas, buracos-negros. É uma pequena aula teórica antes de chegar ao ponto alto da noite: observar o céu com um telescópio. Em fases de Lua Nova, é possível ver até Vênus e Marte.



ESTREMOZ

Depois de subir algumas dezenas de degraus, é reconfortante contemplar o sol se pôr sobre a pequena cidade, do alto da Torre das Três Coroas no Castelo de Estremoz. O tempo passa devagar nesse destino alentejano com pouco mais de 7 mil habitantes. Não por acaso, as paradas mais adoráveis acontecem em lugares como a lojinha do seu Afonso Ginja. Ele tem a mesma atividade há mais de 40 anos: produzir bonecos de barro. Vendidas por preços entre € 5 e € 900, são peças feitas à mão que retratam a realidade local, abordando temas religiosos e rurais – tem pastor, santos, presépio, famílias.

Mas Estremoz não vive apenas dentro de suas muralhas: fora delas surgiu uma charmosa área residencial, em meados do século 18, que segue bem preservada e cria um belo conjunto ao lado de edifícios mais modernos. Desse período, por exemplo, sobrevive o edifício do Museu Municipal Professor Joaquim Vermelho, que reúne bonecos típicos da cidade (como os do seu Afonso), obras de arte sacra, mobiliário, azulejos e louças da região.



ATELÉ AFONSO GINJA



VISTA DO CASTELO DE ESTREMOZ

VILA VIÇOSA

Vila Viçosa ficou famosa como a morada da família de Bragança, antes de assumir o trono com Dom João IV. Seu principal cartão-postal é o Paço Ducal, palácio de 1501. A fachada é inconfundível, com mais de cem metros de comprimento, coberta de mármore da região e várias janelinhas. E em um dia de sol, o tom azulado fica ainda mais evidente e fotogênico. Para preservar todo o acervo, o local só permite visitas com acompanhamento, que acontecem a cada uma hora, geralmente até as 17h. Importante ressaltar que cada núcleo exige um ingresso específico: paço ducal, armaria, coleção de porcelana chinesa e coleção de carruagens, por exemplo.

Entrar no paço é uma viagem no tempo. A luz vem apenas das janelas, que são abertas a cada cômodo pelo guia, enquanto ele explica detalhes e curiosidades sobre tapetes, móveis e obras de artes seculares. Maior do palácio, a Sala dos Duques enche os olhos com cadeiras de veludo bordadas em fios de prata, tapetes persa, armaduras e ânforas, além do teto trabalhado com molduras de madeira em relevo, que traz 18 retratos a óleo do século 18. São 16 duques de Bragança e os progenitores do primeiro deles.

Mas esse não era o único endereço da família que regeu o país. Há ainda um castelo

medieval erguido no século 14. De 1461 até a inauguração do Palácio Real, essa foi a residência dos Bragança. A construção de arquitetura militar com influência renascentista tornou-se monumento nacional e é uma atração por si só, com seu fosso, sua ponte de madeira com correntes de metal e suas torres. Ele abriga também o Museu da Caça (com instrumentos e animais empalhados) e o de Arqueologia (em ordem cronológica, apresenta peças de diversas épocas, com destaque para o espólio de itens romanos encontrados na área).



SALA DOS DUQUES - PAÇO DUCAL

Foto Shutterstock.com e Shutterstock



CASTELO DE MARVÃO

MARVÃO

Subindo uma estrada sinuosa em meio a casinhas brancas com detalhes em pedra, eis que surge ao fundo o monumento de que tanto se ouve falar: o Castelo de Marvão é daqueles lugares ao qual ninguém fica indiferente, construído a mais de 800 metros de altura, com suas torres bem preservadas. O visitante pode explorar livremente os postos de observação e as muralhas (desde que encare uns bons degraus).

Ao observar as áreas verdes do Parque Natural da Serra de São Mamede, que fica em parte no território espanhol (estamos pertinho da fronteira), é fácil entender o valor militar do local. Dali era possível ver os inimigos se aproximando e planejar o contra-ataque. Atualmente, os principais acontecimentos no castelo são bem mais amigáveis, como o Festival Internacional de Música de Marvão, quando acontecem apresentações imperdíveis em um dos pátios do monumento.

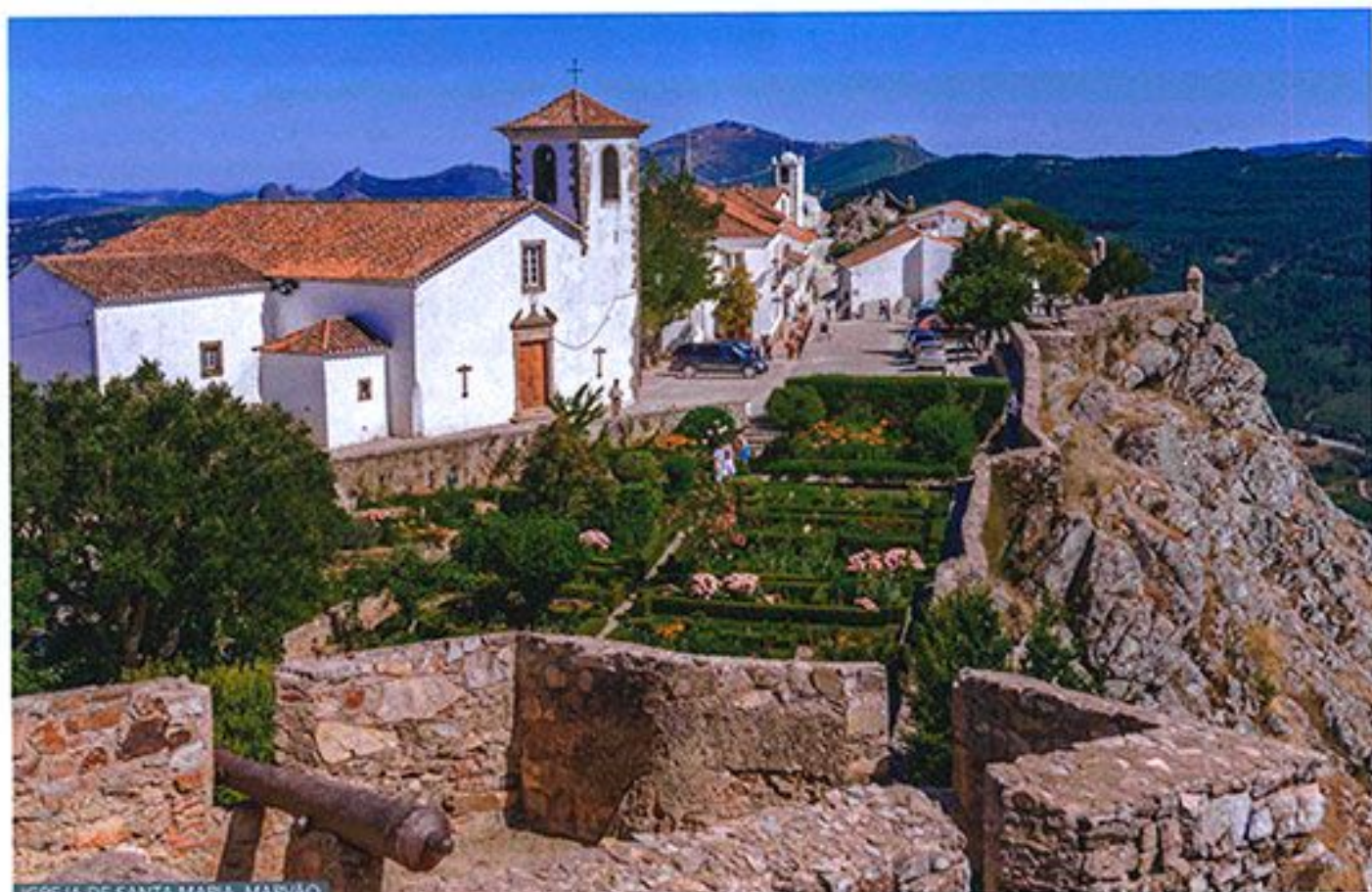
Com mais tempo na cidade, vale ainda uma paradinha na Igreja de Santa Maria, do século 13. Ela já esteve em ruínas, mas hoje exibe suas linhas góticas, seus azulejos e cortes barrocos ao ganhar a função

de museu municipal – com núcleos de arte sacra e arqueologia, por exemplo. Depois, uma voltinha pela vila dentro das muralhas é mais que bem-vinda. É quase um labirinto de rampas e chão de pedra, escadas, muros e casario branco, daqueles que dão muito gosto perder algumas horinhas percorrendo.

Para conhecer a produção de um ícone da culinária portuguesa, inclua no roteiro o Centro de Interpretação do Azeite ou, como é conhecido, Museu do Azeite de Marvão. Não é um museu sobre a história do óleo, mas sim da trajetória dele em uma propriedade familiar que começou a produzi-lo no século passado e hoje é comandada pelos descendentes. E tem uma lojinha para saciar a vontade de levar um pouco do Alentejo para casa.



MUSEU DO AZEITE



IGREJA DE SANTA MARIA, MARVÃO



Foto: Shutterstock.com e Alamy.com